

**INSTITUTO DE PESQUISA APLICADA EM DESENVOLVIMENTO  
ECONÔMICO SUSTENTÁVEL – IPADES**

**DESTAQUES IPADES**

**Junho 2017**

**PROCESSO DE AJUSTE DA ECONOMIA**

Era esperado que a recuperação da atividade econômica brasileira, mesmo lenta, se tronasse mais visível a partir do segundo trimestre de 2017, no entanto não é o que a perspectiva tem demonstrado. O ambiente econômico brasileiro atual, diferentemente do que foi imaginado por vários analistas alguns meses atrás, mostra-se permeado de fortes dúvidas em múltiplas dimensões, sendo que as duas mais importantes são: política e judicial.

Na dúvida política sofreu impacto tectônico com a delação de Joesly Batista, dono do frigorífico JBS, envolvendo o presidente da república, ministros e assessores palacianos, ocorrida em 18 de maio passado. Na judicial, com a absolvição da chapa Dilma-Temer pelo Superior Tribunal Eleitoral, no início de junho, desconsiderando provas que o mesmo tribunal autorizara incluir no processo. Mais um ineditismo da justiça brasileira: absolvição por excesso de provas!

As projeções apontavam para um crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro acima de 1,0% em 2017 relativamente ao verificado no ano passado. Ao mesmo tempo, imaginava-se que o pior em termos de desemprego já tivesse ficado para trás. A realidade dos fatos, no entanto, mostra-se extremamente diferente da apontada há algum tempo. A economia brasileira segue patinando, sem sinais concretos de uma retomada mais robusta da atividade econômica.

Observando-se a realidade dos fatos têm-se dois cenários que ratificam a realidade. No econômico tem-se ao fim de um ciclo de expansão do crédito, relacionado a um elevado grau de endividamento dos agentes privados (empresas e famílias). Esse fenômeno tem conjugado um processo de ajuste no balanço de pagamentos das famílias e das empresas, no sentido de reduzir o grau relativo de endividamento.

A consequência direta desse processo é associada à retração no consumo das famílias e a queda dos investimentos produtivos no país. Em outras palavras, a demanda do setor privado segue estagnada como decorrência direta do processo de ajuste em curso.

No cenário político, a indefinição é uma constante. Para a manutenção do poder a relação entre executivo e legislativo é imprevisível. Agregue-se ainda o quase indecifrável comportamento da justiça brasileira, com suas idas e vindas, decorrentes de apelações quase infinitas.

### **AS CIÊNCIAS AGRÁRIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO**

A Academia de Ciências do Estado de São Paulo (Aciesp) lançou em fevereiro um levantamento sobre as competências científicas presentes em cada uma das 15 regiões administrativas do território paulista. Intitulado Mapa da ciência de São Paulo, o estudo reúne um conjunto de indicadores sobre o período de 2002 a 2011 que mostra desde a concentração de pesquisadores em cada região e a área do conhecimento até o tamanho e o impacto de sua produção científica.

Também há gráficos que agrupam os pesquisadores segundo o volume de artigos que publicaram em dois intervalos de tempo – nos dez anos do levantamento e entre 2009 e 2011. “Trata-se de uma fotografia da ciência paulista na primeira década do século XXI que evidencia as expertises regionais de um estudo que é responsável direto por 50% da produção científica nacional”, diz Marcos Buckeridge, professor do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo (USP) e presidente da Aciesp.

“A ideia é ter uma plataforma de dados que possa ser consultada, por exemplo, por empresários dispostos a abrir novos negócios. Ali, eles saberão onde há capacidade estabelecida para apoiar seus desafios”, afirma José Eduardo Krieger, pró-reitor de Pesquisa da USP e presidente da Aciesp até 2015, quando o levantamento foi encomendado. A íntegra do mapa está disponível em [bit.ly/mapacienciasp](http://bit.ly/mapacienciasp).

As Ciências Agrárias têm sua concentração nas regiões de Campinas com 22% dos pesquisadores do estado, seguida por São Paulo, com 19,3%, Piracicaba, com 15,3%, e Ribeirão Preto, com 13,6%. “A liderança se deve a presença, na região de Campinas, do Instituto Agrônomo e da Universidade de Campinas (Unicamp)”, diz Buckeridge. “A expressão de Piracicaba está relacionada à Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, da USP”.

Mas a realidade está mostrando outro cenário. O conjunto de institutos de pesquisas na área das Ciências Agrárias – Agrônomo, Biológico, Economia Agrícola, Zootecnia, Pesca e Tecnologia de Alimentos – coordenados pela Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (Apta) sofrem com os problemas: i) em 2017, 90% dos recursos financeiros são para pagamento de salários e encargos dos servidores; ii) nos últimos seis anos perdeu 21% do quadro de cientistas; iii) último concurso para pesquisadores foi em 2003; iv) salários congelados há cinco anos; v) 62% dos pesquisadores tem mais de 50 anos.

No entanto, há perspectiva de sinais positivos: i) parcerias com o setor privado – me empresas e produtores – a fim de obter recursos para investimento e custeio; ii) legislação que permita a cobrança de royalties, sobre as cultivares registradas, inclusive com remuneração para o pesquisador autor do trabalho.

### **RESGATE E REABILITAÇÃO DE FAUNA GERA NEGÓCIO**

O vazamento de petróleo, acidente cada vez mais frequente no mundo, abriu espaço para um negócio. Este é o trabalho da médica veterinária Valeria Ruoppolo. Em 2000, quando entro no mestrado na Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (FMVZ-USP), para estudar as principais causas de morte de mamíferos aquáticos, como baleias, Valéria participou do resgate de centenas de aves na baía de Guanabara, em decorrência do rompimento de um oleoduto que ligava a refinaria Duque de Caxias, da Petrobras, ao terminal da Ilha D'Água.

O vazamento de mais de um milhão de litros de óleo alcançou cerca de 40 km<sup>2</sup>. "Foi minha primeira grande emergência", lembra a pesquisadora. Logo em seguida ela foi convidada para ir aos Estados Unidos para apresentar o trabalho desse resgate. Lá conheceu outros pesquisadores, que a convidaram para participar de operações de resgate de animais em várias regiões do mundo.

Valéria se tornou uma profissional no resgate de animais marinhos atingidos por derramamento de óleo, atuando em países como Espanha, Noruega e África do Sul, onde, em junho de 2000, um vazamento afetou milhares de pinguins-africanos (*Spheniscus demersus*) na cidade do cabo. Todas essas atividades a levaram terminar o mestrado em 2003. Depois, ela continuou a trabalhar em áreas acometidas por desastres ambientais.

Em 2008, uma resolução do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama) passou a exigir das empresas responsáveis por instalações portuárias, plataformas, duros e refinarias um planejamento preventivo para o resgate de animais em caso de acidente. A veterinária viu na decisão uma oportunidade de negócio e, em 2010, com mais três sócios, fundou a Aiuká, empresa de consultoria especializada na elaboração de estratégias de contingenciamento para acidentes ambientais.

“Fazemos levantamentos das espécies que podem ser afetadas por derrames, e planos com as primeiras providências em caso de emergência”, explica. Esse planejamento faz parte do processo de licenciamento de empresas no Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais renováveis (Ibama). “Sem esse plano preventivo elas não podem seguir em frente com suas atividades”, conclui a empresária Valéria.

A Aiuká tem sede em Praia Grande, litoral paulista, e uma filial em Rio das Ostras, no litoral do Rio de Janeiro. Conta hoje com 20 profissionais, entre eles biólogos, veterinários e oceanógrafos.

## **O FUTURO DOS SINDICATOS NO BRASIL**

Com a aprovação da atualização da CLT, que extingue a contribuição sindical obrigatória, o sindicalismo brasileiro terá também que se atualizar, pois a realidade é outra. Cite-se como exemplo: as igrejas pentecostais, que têm se proliferado Brasil a fora, cada vez mais tomam lugar dos sindicatos, que precisam mudar seu foco de ação em relação aos trabalhadores.

Quando um trabalhador perde o emprego, ele se trona mais um número e depende fundamentalmente da ação do Estado. É nesse momento que a igreja o acolhe, é o que mostra pesquisa qualitativa realizada em 2016, pela Fundação Perseu Abramo, ligada ao Partido dos Trabalhadores, para identificar valores e costumes de moradores da periferia da capital paulista.

“Além do aspecto religioso, o papel dessas igrejas tem cada vez mais se ampliado na oferta de serviços descentralizados e variados, incluindo indicações para capacitação e busca de emprego, o que garante seu sucesso entre os desempregados”, é o que afirma Márcio Pochmann, presidente da Fundação Perseu Abramo, e ex-presidente do Ipea.

Em linhas gerais, o resultado é reflexo de algumas influências passíveis de serem observadas a olho nu: perda de peso dos sindicatos como órgãos representativos no campo do trabalho e o crescimento da influência das igrejas pentecostais nas decisões dessa fatia da população, que alimenta descrédito pela política, insatisfação com a entrega de serviços públicos, e valoriza o consumo como materialização de ascensão social. Também, pode-se acrescentar que os sindicatos se mantêm presos às estruturas da CLT, relutando contra qualquer movimento de modernização.

Com a reforma trabalhista aprovada e sancionada, e com ela ocorra a perda o imposto sindical obrigatório, os sindicatos terão que “correr atrás do prejuízo” para se atualizarem, após anos de cômoda “hibernação”, para se dizer o mínimo sobre suas atuações. É a linha do tempo com sua inexorável caminhada, que penaliza que insiste em se manter estático. O futuro dos sindicatos no Brasil passará por transformações para atender as novas demandas do mundo do trabalho, caso queira se manter com representatividade.